

A paisagem cultural na poética de Silva Freire

Sônia Regina Romancini¹

A paisagem de um lugar é a expressão visível das relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, ao produzirem seus meios de vida no decorrer do processo histórico. Sob esse prisma, o presente trabalho pretende estabelecer uma relação entre a cidade de Cuiabá e um de seus maiores poetas, Silva Freire, que traduziu em versos seu olhar sobre a paisagem urbana.

Palavras-chave: Cuiabá, paisagem cultural, Silva Freire

Introdução

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta forma um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado.²

1. Professora do Depto. de Geografia da UFMT. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

2. CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Trad. de Luiz F. Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999, p. 14.

Para realizarmos o exercício de refletir sobre uma Geografia que se manifesta também no mundo da arte e da poesia, selecionamos, entre a vasta obra do poeta Silva Freire, alguns poemas que falam sobre a vida da cidade. Pretendemos demonstrar os laços que existem entre os fenômenos culturais materializados em obras criativas e as questões que interessam ao geógrafo. Ressaltamos que a Geografia como cultura se assenta sobre uma concepção da Geografia como prática ou sensibilidade do espaço, que se considera arraigada na própria natureza humana.

Nosso estudo se respalda na Geografia Humanista que, para estudar a intencionalidade da ação humana, tendo em vista compreender o significado social do mundo vivido, centra parte de suas investigações nos laços entre os indivíduos e o meio material, expressado nos lugares, insistindo na construção social dos mesmos e tendo em conta aspectos como sua carga emotiva, estética e simbólica.³

A cidade

Cuiabá teve sua origem pela mineração, no século XVIII, chegando, em meados do século XX, com, aproximadamente, 45 mil habitantes, experimentando, a partir da década de 1960, um crescimento acelerado, de modo que a população da cidade no ano 2000 atinge aproximadamente 500 mil habitantes. Verificamos, portanto, que a cidade foi sendo construída no decorrer de um longo tempo, somando às características coloniais as modificações introduzidas pelos imigrantes europeus no final do século XIX e início do século XX, vindos pela navegação fluvial. Essa rica paisagem urbana manteve-se pouco alterada até o final da década de 1950. Entretanto, atendendo a um desejo de modernidade, esse patrimônio foi sendo dilapidado, até sofrer profundas alterações a partir do intenso movimento migratório que se registra nos anos 1960, intensificando-se entre 1970 e 1980.

Entre os fatores que impulsionaram o crescimento de Cuiabá, está a construção de Brasília, inaugurada em 1960, bem como a política de "integração da Amazônia à economia nacional" empreendida pelos governos militares.

3. GARCÍA BALLESTEROS, Aurora. (Coord.) *Métodos y técnicas cualitativas en geografía social*. Barcelona: oikos-tau, 1998, p.15.

Cuiabá se revigora após a implantação do asfalto na década de 1970, com a ligação a Campo Grande, São Paulo, Brasília e Goiânia, dando origem a um novo ciclo de desenvolvimento, segundo as metas estabelecidas nos programas federais. Nesse contexto, a infra-estrutura implantada, como, por exemplo, a criação da Universidade Federal de Mato Grosso, o asfaltamento das rodovias acima citadas, a integração ao sistema nacional de energia elétrica, entre outros fatores, propiciaram que Cuiabá vivesse um período de transformações em sua paisagem urbana sem precedentes.

O poeta

Benedito Sant'Ana da Silva Freire, poeta, jurista e ocupante da Cadeira n.º 38 da Academia Mato-Grossense de Letras, nasceu em Mimoso, no dia 20 de setembro de 1928 e faleceu em Cuiabá, em 11 de agosto de 1991.

Segundo a Acadêmica Yasmin Nadaf,⁴ na militância jornalística, em Cuiabá, Silva Freire criou o *Arauto de Juvenília*, primeiro jornal com xilogravura a circular em Mato Grosso, e *Vanguarda Matogrossense*, jornal semanário, também de cunho inovador.

Escreveu nos seguintes jornais da região: *Tribuna Liberal*, *Ganga*, *Sarã*, *Folha Matogrossense*, *Equipe*, *O Social Democrata*, *O Estado de Mato Grosso*, *Diário da Serra*, *O Momento*, *Correio da Imprensa*, *Jornal do Dia*, *A Gazeta*, *Defesa* e na revista *Esquema*.

No artefato dos blocos poemáticos, Silva Freire define a palavra-tema e segue a trabalhá-la em diversas direções de leituras, a exemplo dos 13 Cadernos de Cultura: *Meu Chão*, *Pássaro Implume*, *Rio-Equilíbrio* e *A Estrada*, *Chão-Terra e Pasto*, *Campus de Universidade*, e *Canto: Crespo-Olho-Albo*, *Os Oleiros*, *As Redes*, *Os Meninos de São Benedito*, *Rondon: Silêncio Orgânico de Flores*, entre outros.

Posteriormente, publicou *Águas de Visitação*, totalizando em onze os planos dos cantos gerais da temática telúrica de Mato Grosso.

4. NADAF, Yasmin J. In: *Revista Comemorativa do Jubileu de Diamante (1921-1996)* Cuiabá, 1996, p.314-5.

5. SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.59.

A dimensão espacial da cultura

A paisagem é o aspecto visível e diretamente perceptível do espaço geográfico. Para Sauer,⁵ a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural: a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado. Desse modo, a paisagem expressa de forma concreta a relação da sociedade com a natureza.

Segundo Berque,⁶ a paisagem é simultaneamente marca e matriz. Marca, porque cada grupo contribui para modificar o espaço que utiliza e gravar nele os sinais de sua atividade e os símbolos de sua identidade. A paisagem é também uma matriz, visto que a organização e as formas que a estruturam contribuem para transmitir usos e significações de uma geração a outra.

Martínez de Pisón⁷ ressalta que uma paisagem não é somente um lugar, é também sua imagem. Não reside somente na natureza, na história, na estrutura social, senão também na cultura.

Para o desenvolvimento do presente trabalho nos pautamos no conceito de cultura apresentado por McDowell,⁸ segundo o qual:

Cultura é um conjunto de idéias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Idéias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de idéias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço.

De acordo com Ortega Cantero,⁹ a paisagem pode materializar-se de diversas maneiras: na pintura sobre tela, na escrita sobre papel, ou na forma mais familiar ao geógrafo, em terra, água, pedra e vegetação sobre

6. BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: Elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.84-5.

7. MARTÍNEZ DE PISÓN, Eduardo. El concepto de paisaje como instrumento de conocimiento ambiental. In: *Paisaje y Medio Ambiente*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones, 1998, p.17.

8. MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D., MARTIN, R., SMITH, G. (orgs.) *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Trad. Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.161.

9. ORTEGA CANTERO, Nicolás. Paisaje y cultura. In: *Paisaje y Medio Ambiente*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones, 1998, p.138.

o solo. Podem distinguir-se, assim, diferentes tipos de paisagens: visuais, como as que oferecem a pintura, verbais, que estão plasmadas na literatura, e construídas, que podem abarcar desde um parque ou jardim, até as paisagens naturais, rurais ou urbanas.

Segundo Ortega, todas essas paisagens podem ser entendidas como imagens culturais. Dessa forma:

Hablar de paisaje, cualquiera que sea su manifestación concreta, es tanto como decir que estamos planteando una traducción cultural de lo que tenemos a nuestro alrededor, una traducción que representa la realidad y la ordena, que le atribuye valores, dimensiones simbólicas y significados. El paisaje no es la realidad, sino una imagen culturalmente ordenada de la realidad. Hay así una relación bastante estrecha entre paisaje y cultura.¹⁰

A paisagem contém componentes naturais e humanos e traduz os nexos existentes entre o homem e o mundo exterior. Esses nexos compreendem não apenas aspectos materiais e biológicos, como também dimensões que se referem à subjetividade. A paisagem é assim um lugar de significados, uma imagem na qual se projetam experiências intelectuais, afetivas, éticas, estéticas e simbólicas.¹¹

Um olhar poético

Para Ortega Cantero,¹² o sentido cultural do ponto de vista geográfico leva a outras modalidades de representação do mundo. Tanto aquelas que procedem de outros campos do conhecimento como as que se expressam nas percepções mais ou menos espontâneas e pessoais dos indivíduos ou através de suas elaborações literárias e, em geral, artísticas. Interessa entender como representam os homens o que é geográfico – a natureza, a paisagem, o espaço, as relações etc., sendo necessário para isso aprimorar a sensibilidade.

Na obra poética de Silva Freire, a cidade aparece como um dos melhores exemplos de paisagem cultural e criação social. Em sua poesia nos inspiramos para investigar as motivações dos fatos sócio-espaciais, os

10. Ibidem, p.137.

11. Ibidem, p.137.

12. ORTEGA CANTERO, Nicolás. *Geografía y Cultura*. Madrid: alianza, 1987, p.51.

significados, valores e interpretações dos lugares e da vida cotidiana de Cuiabá.

A cidade, no olhar de Silva Freire, reflete o movimento da vida e da alegria do encontro:

Ora, nem é preciso ser psicólogo social para sentir que Cuiabá é uma cidade-coração-carícia. Basta ter alma de boêmio e..., já se viu, a cidade treme, palpita em muitos horários do seu dia que só escurece quando vem amanhecendo o sono. É que aqui, ninguém quer ser besta de carga; todo mundo quer viver e conviver. Se o trabalho é muito, faz-se nas horas vagas, para se viver mais e conviver melhor. Este estilo de vida é ciência e arte, qualquer coisa parecido assim com filosofia.¹³

Na busca do entendimento da poética de Silva Freire, na tentativa de desvendarmos as representações da cidade enquanto paisagem e lugar/ espaço vivido, consideramos o espaço vivido como um campo atravessado de valores ligados à maneira como os indivíduos apreendem o meio ambiente e entram em relação com ele. Acompanhando as transformações que ocorrem na cidade, o poeta revela com orgulho, a paisagem formada pelos quintais e casas coloniais:

Tentando explicar o que é do sentir:¹⁴

- mas onde está a poesia de sua cidade, homem!?
- lá..., veja, ainda pendendo do galho da encantada laranjeira cuiabana; a gente querendo despencá-las com o chuço-da-taquara-do-gosto e..., de repente, as frutas reverdecem nos cachos, endurecendo seus talos...; paciência, recomeçar o namoro com as frutas!
- só isso?
- ali, também, nos beirais-dos-telhados-coloniais-fazendo-beicinhos prô levantar-dos-olhos-dos-paus-rodados...

Pierre Laborde¹⁵ destaca que a posição geográfica, os acontecimentos históricos, os objetos materiais, as obras estéticas, a orientação econômica, a cultura, a forma de se viver, entre outros fatores, conforme eles se combinam, constituem um sistema de símbolos próprios de cada cidade.

13. Cuiabá 264 anos. Cai o sol, começa a festa da noite! Edição Especial. Cuiabá, JPM e W Propaganda e Assessoria, 1983, p.75.

14. FREIRE, B. Silva. Na moldura da lembrança. Vlademir Dias Pino (Org.) Cuiabá: EdUFMT, 1991, p.413.

15. LABORDE, Pierre. L'identité: valeur du futur de la ville? In: *Cadernos de Geografia*, n.17, Coimbra, 1998, pp.191/3.

A identidade da cidade se manifesta em um conjunto de signos, de objetos ou de imagens que têm o poder de evocar algo. A percepção da identidade da cidade na poesia de Silva Freire é ressaltada no poema *As redes*,¹⁶ que aborda um elemento simbólico por excelência de Cuiabá.

As redes

a rede lavra
em curva
o que cansa
quando o corpo se deita

rede lavrada:
sugestão de curva
limitada ao tombo

O rio se lamina de peixe
na malha da rede
na palha que encanta
na tráia/traíra do engano

recurvo o corpo
aderna o ser
quadriculada a pose
que descansa (...)

a rede cochila
no esbarro do esteio
na crina leve da corda
na lixa moída do gancho

a redespreguiça
o leve do leque
o longo da linha
o longe que se enc(olhe)

a rede aranha
o silêncio
amacia
a semente
no ventre
no ente
no quente...

16. FREIRE, B. Silva. *Águas de visitação*. 3. ed. Cuiabá: Adufimat, 1999, p.95-9.

Como consequência do crescimento populacional verificado a partir dos anos 1970, Cuiabá teve seu espaço urbano ampliado por diversas vezes. Até a década de 70, a malha urbana restringia-se quase que exclusivamente dentro da Avenida Perimetral, a atual Miguel Sutil. A Avenida Mato Grosso era a periferia da cidade. A área urbana, que era de 1,2 mil hectares em 1970, passou para 25,1 mil hectares no ano 2000. Entre as principais interferências do Estado no redimensionamento do espaço urbano, destaca-se a implantação do Centro Político e Administrativo, que definiu um novo eixo de desenvolvimento, dando continuidade à Avenida Tenente Coronel Duarte (Prainha) e a implementação do projeto CURA-Cuiabá (Comunidades Urbanas de Recuperação Acelerada). Em decorrência dessas intervenções, que dotaram com infra-estrutura urbana as antigas localidades, constata-se uma valorização do solo urbano e a expulsão dos moradores que não tiveram condições de arcar com as altas taxas de impostos, transferindo-se para os novos bairros que surgiam em locais distantes do Centro Histórico da cidade.

No contexto dessas transformações, o poeta Silva Freire critica o excesso de cimento que se estende sobre os antigos caminhos cuiabanos:

Ladeira do Beco Alto¹⁷

Agora é puro cimento ondulando largos planos
e pouso ao pasto mineral de grilos...
– nunca mais a bolina punheteira do desafio
adolescente...
de nó-na-vista, uma nesga do casario colonial
amoitando promessas nos telhados de São Benedito...

Em *Meninos de São Benedito*, Silva Freire retrata o cotidiano dos garotos que viviam nas cercanias da Igreja do Rosário, nos bairros do Baú e Araés, quando em sua liberdade tomavam banho no tanque do Baú¹⁸ e se entretinham com diversas brincadeiras.

17. FREIRE, Benedito S. S. *Presença na ausência do tempo*. Organizador Vladimir Dias Pino. Cuiabá: Edições da Universidade Federal de Mato Grosso, 1991, p.54

18. O tanque do Baú foi aterrado para a implantação da Avenida Rubens de Mendonça no início dos anos 70. Atualmente corresponde ao espaço onde está edificado o Centro de Cidadania.

Os meninos de São Benedito¹⁹

– raiado de sol
(que (i)madura)
pequeno cabo-verde
inaugura a liberdade do tanque do Baú
no mergulho que ri
púa e borbulha...

– num escondido
do
parquinho do Araés
esse menino
proibido
inventa de três pedrinhas
o encanto da solidão

– na conchinha da mão esquerda
pião de bateia
baguázinho repeneira
no imã do dedo
granitinhos de ouro achados
no aluvião
da ilusão...

– num baquité
entupido de corguinho
ditinho vigia o a-ufa de lambaris
priscando de anzolinhos
pra gente esturricar nos dentes
fresquinhos de fritos na hora...

19. FREIRE, Benedito S. S. *Presença na ausência do tempo*. Organizador Vladimir Dias Pino. Cuiabá: Edições da Universidade Federal de Mato Grosso, 1991, p.195.

Crítica ao abandono

O Centro Histórico é uma realidade cultural, reflexo espacial de diversas formações sociais, que contribui para caracterizar a paisagem e para dotar a cidade com sua própria identidade, constituindo um patrimônio cultural coletivo.

Segundo Troitiño Vinuesa,²⁰ o Centro Histórico, além de valorizar as singularidades arquitetônicas, prima por outras dimensões como a histórica, cultural, econômica, social e simbólica. Para o autor, uma de suas funções mais importantes é a cultural:

El centro histórico constituye una de las piezas más representativas en el paisaje de nuestras ciudades y su significado desborda ampliamente el papel que le correspondería en función de su superficie, entidad demográfica o actividad económica. Siendo una parte pequeña del tejido urbano, constituye un espacio simbólico que sirve para identificar, diferenciar y dar personalidad a las ciudades.

Após um período de dilapidação, sem um planejamento que determinasse as áreas de interesse histórico-cultural de Cuiabá, somente em 1987, o Conjunto Arquitetônico Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Cuiabá foi regulamentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo homologado pelo Ministério da Cultura em novembro de 1992.

Diversos edifícios para uso comercial e institucional foram construídos, na década de 1970, no Centro Histórico da cidade, pois não havia um zoneamento que indicasse as áreas propícias à construção de edifícios. Isso somente ocorreu através da lei de uso do solo, Lei 2023, de 09.11.82, que, em seu Art. 4º, delimita a área de interesse histórico.

Ressaltamos que o movimento para preservação do Centro Histórico teve à frente, principalmente, os arquitetos da cidade, historiadores e a imprensa, que, numa demonstração de cidadania, não mediam esforço para denunciar os fatos que isoladamente iam comprometendo o patrimônio paisagístico de Cuiabá.

20. TROITIÑO VINUESA, Miguel A. Paisaje urbano y patrimonio Cultural: el centro histórico de Cuenca. In: *Paisaje y Medio Ambiente*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones, 1998, p. 119.

21. Cuiabá 264/1983. Edição Especial. Cuiabá, JPM e W Propaganda e Assessoria, 1983, p.6.

Como exemplo, registramos um excerto do artigo "Que vai restar dessa memória?", publicado na revista *Cuiabá – 264 anos*, no ano de 1983:²¹

... o que permanece está envolto numa fina névoa de esquecimento e descaso. Recebendo atualmente todas as influências dos grandes centros emanadores (...) Cuiabá vem pagando os mais altos preços, como o de ver seu patrimônio histórico se destruindo aos poucos nas mãos de maus administradores e/ou particulares que visam, grande parte, apenas o "vil metal". Desfigura-se dessa forma o miolo histórico desta Cuiabá de 264 anos, onde, da noite para o dia surgem nas esquinas, em lugar dos vastos quintais, sobrados, casas e praças, os bancos, casas comerciais e os enormes espigões apontando para os céus. Mas... será que lá de cima, daqui a algum tempo, ainda se avistarão os telhados coloniais e as seculares mangueiras?...

É no contexto das preocupações com o patrimônio paisagístico e cultural de Cuiabá que vamos encontrar o poema *Canto murmúrio para minha cidade*, de Silva Freire. Suas palavras ecoam como um lamento, uma crítica social, denunciando um período de abandono dos bens materiais e simbólicos da cidade, tanto pelos cuiabanos, como pelos migrantes, que, aos milhares, afluíam à cidade:

Canto murmúrio para minha cidade²²

Não, Cuiabá, não são as crianças
quem lhe sangram de agulhas envenenadas,
a veia jugular da vida...
Não são elas quem lhe entopem as flautas da respiração...
Quem enforca seu sono-sonho, com gritos de – assalto!
Não são elas que poluem a convivência familiar
das suas praças-sem-folguedos-de-crianças...
Quem encaixota sua qualidade de vida. Não são as crianças.
Não são elas que estão garroteando seus santos de festas, suas lendas e
mitos.
As crianças não car-navalham seu carnaval...
Quem ordenha suas tetas maternas, para traí-la depois, não são as
crianças.
Elas só sabem amar sua bondade ferida.
Não são as crianças que debicam de sua história-orgulho-nacional.
Quem entristece o poema sonoro que seu povo fala, não são as crianças.
Quem povoa de poluição sonora, verbal,

22. In: MARTINS, Moisés M. Jr. Revendo e reciclando a cultura cuiabana. Cuiabá, 2000, p.81-3.

Escrita e visual seu espaço público, não são as crianças.
Quem desorganiza a higiene dos seus rios, não são as crianças.
Não são elas que atizam fogo em seus limites de respeito coletivo.
As crianças não sabem da indústria da posse.
Quem está favelizando seu calor humano, não são as crianças.
Elas não usam tóxico. Não são as crianças que se esquecem dos seus valores permanentes.
Elas se alimentam das raízes da raça.
Não são as crianças que se enriquecem a curto prazo e a qualquer preço, à custa do seu empobrecimento...
Quem está descarnando seu patrimônio espiritual?
Quem quer apagar a memória do seu povo?
Quem deforma sua imagem histórica?
Quem dilapida nossa herança?
Quem camufla a trambicagem?
Não são as crianças que borram a imundície da vida em suas paredes seculares.
As crianças, suas crianças, Cuiabá, sabem pintar de alegria a cidade-útero-materno.
Não redigo: as crianças são o poema inconsútil da vida.
Ninhando a peraltice no andor do arco-íris cuiabano.
Não, as crianças musicam suas dores, feridas por mãos anônimas.
As crianças aromatizam o mau-hálito que baforam sobre você, Cuiabá.
Não, tresdigo: as crianças aliviam, num abraço o desespero-escuro onde o lamaçal esconde o crime.
Quem está sufocando a cidade de seus artistas?
Quem está querendo calar a capital das catedrais?
Quem nos quer a marca dos excluídos?
Quem está fazendo o Rio Cuiabá suar de mal usado?
Que buracolândia é essa?
Essa valeta vai esconder quantas omissões?
Não... não suicidem a cidade de Lamartine Mendes, o poeta ausente!
Não façam um bagaço a capital de Cavalcanti Proença, o ensaísta-crítico!
Não reneguem a aldeia de Estevão de Mendonça, o historiador presente!
Não façam de Cuiabá outra "paulicéia-desvairada" sob a chuva, *fuligem e eixurro!*
Não impermeabilizem o sub-solo sensitivo de Miguel Sutil, até não respirar mais: o exemplo é ali, em São Paulo, Rio e Belo Horizonte!
Não, arrivista, para ressaltar outra cidade, não é honrado diminuir a que lhe dá sustento!
Não são as crianças que estão rasgando o tecido cultural de cidade!
As crianças são o futuro-interior da comunidade, e vão pedir contas à história.
Oh, "seu" Delegado!, "seu" fiscal, "seu" Secretário.

Sr. Prefeito, Guarda-civil. Chefes, chefes, tantos chefes!,
– a posse da cidade não é posse de função!
Não, Cuiabá, não são as crianças:
são os trogloditas da cultura, daqui e de lá;
são os mastodontes das bibliotecas, de lá e daqui;
são os brutamontes da história, daqui e de lá:
são os crocodilos das escolas, de lá e daqui:
são os tisanuros da espécie daqui e de lá;
são os rinocerontes dos jardins, de lá e daqui;
são os eunucóides mentais, daqui e de lá;
são os tricerátopes sobrevivivos, de lá e daqui;
são os atanajuras da política, daqui e de lá;
são os mentecaptos da cidade de lá e daqui,
os que estão traindo a terra de Rondon,
Dom Aquino Corrêa e Rubens de Mendonça.
Bom Clima de Cuiabá,
antes que vire a favela do Brasil – 83.

Algumas considerações

No desenvolvimento do artigo, constatamos que a paisagem é uma marca, uma imagem, o resultado da cultura da sociedade que a modelou, expressando as marcas de sua atividade e os símbolos de sua identidade. Sob esse prisma, a paisagem é uma herança, pois contribui para transmitir usos e significados de uma geração a outra. Através da paisagem, estamos fazendo uma tradução cultural do que existe ao nosso redor, atribuindo valores e significados. A paisagem urbana é a soma dos aspectos observados na cidade, como os edifícios, as velhas habitações, igrejas, monumentos, praças e o traçado das ruas. Nela se percebe a vida da cidade, a multidão que caminha pelas calçadas, os sons e odores.

Cuiabá foi uma fonte de inspiração para o poeta Silva Freire, que levou para os versos os aspectos por ele apreendidos da paisagem, os quais apenas exemplificamos no presente trabalho. Em sua poesia, ganha relevância a cultura cuiabana, responsável pela construção dessa paisagem que foi sendo moldada na cadência dos séculos e que hoje é reconhecida como um bem de inestimável valor.

Salientamos que, após um período de descaso em relação ao patrimônio arquitetônico e paisagístico de Cuiabá, que promoveu a destruição de importantes edificações de interesse histórico, a década de 1990 representa um período de grandes mudanças para Cuiabá.

O poder público empreende projetos de revitalização de áreas degradadas no bairro do Porto, reforma de algumas praças, jardinagem das avenidas, passando a dedicar maior cuidado à limpeza urbana, entre outros fatores.

Essas mudanças resultaram na revalorização da cultura cuiabana e dos seus espaços de memória por parte da população, embora importantes áreas ainda não tenham sido contempladas com a atenção do poder público, a exemplo do rico patrimônio representado pelo Centro Histórico de Cuiabá.